

BOLETIM

DA COMISSÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Comissão Nacional de Educação Popular em Saúde - junho/95 - nº5 - Rua Urânos, 1496/sala401 - Olaria - RJ - CEP: 21060-070 - Tel: (021)590-1998

EDITORIAL



Aqui estamos, mais uma vez, tentando superar as dificuldades de infraestrutura e dinamização de nosso movimento de *Educação Popular em Saúde* e manter vivo esse trabalho que já dura praticamente cinco anos.

A organização do segundo Encontro Nacional (ENEPS II) permanece como meta, dependente ainda da maior consolidação da comissão, em nível nacional, e/ou fortalecimento de grupos nos estados ou municípios. A falta

de recursos para reuniões da comissão e a pequena disponibilidade de tempo das pessoas envolvidas têm sido fatores limitantes no desenvolvimento de nossa articulação. Os contatos, por carta, telefone, ou através de contribuições para o boletim, nem sempre são ágeis como necessário, razão por que dificilmente conseguimos cumprir os prazos de edição que consideráramos mais interessante e adequado.

De toda forma, mesmo caminhando em ritmo mais lento do que o desejado, acreditamos na importância do boletim como instrumento de intercâmbio de nossas experiências e inquietações. São estas, por sinal, uma forte característica deste número, nas reflexões sobre encontros e sobre práticas de educação.

Mais uma vez, para não perdemos o hábito, escrevam! Somos um *movimento*, não uma entidade, órgão de classe, grupo de trabalho institucionalizado. Permaneceremos na medida em que sentirmos ecoar nossas vozes. Um grande abraço para todos.

A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO FORTALECIMENTO DO CONTROLE SOCIAL DO SUS

(2ª parte do Relatório da Oficina de Educação e Comunicação em Saúde da Abrasco, junho/94)



A consolidação do controle social é um dos principais desafios na implementação do Sistema Único de Saúde.

As desigualdades de acesso à informação, ligadas à tradição política autoritária do país, e a sistemática difusão da lógica individualista e privatizante nos meios de comunicação de massa, são fatores que têm dificultado esse processo.

A Educação e a Comunicação em Saúde cumprem, nesse contexto, um papel fundamental. São instrumentos de informação, capacitação e desenvolvimento da consciência cidadã para que a sociedade exerça seu direito legal de acompanhamento, fiscalização e controle das políticas públicas e, especificamente, da política de saúde.

O controle social do SUS, de maneira democrática, informada e articulada, pode ser incentivado através das seguintes estratégias de comunicação e educação:

- Socialização e democratização das informações sobre saúde e os princípios do novo Sistema, de forma clara e acessível à população;
- Fortalecimento dos Conselhos de Saúde (municipais, estaduais e nacional), mediante o processo contínuo de capacitação das representações da sociedade civil nessas instâncias e da reflexão sobre o significado da representação social e seu papel na definição das políticas públicas;

- Transparência na gestão dos serviços de saúde, garantindo-se à população usuária o amplo acesso às informações sobre o funcionamento dos serviços e a realidade epidemiológica local;

- Realização de diagnósticos participativos, onde técnicos, sociedade civil organizada e população possam ampliar o conhecimento da realidade de saúde local para a definição conjunta de prioridades e estratégias;

- Capacitação dos profissionais de saúde, na perspectiva de maior conhecimento acerca do SUS e do fortalecimento da interdisciplinaridade como componente fundamental da atenção integral à saúde;

- Articulação das entidades ligadas à Saúde (CNS, Conass, Conasems, Ong's, etc.) para o fortalecimento do Fórum Nacional pela Democratização da Informação, responsável pela lei, em tramitação no Congresso Nacional, que busca assegurar o controle público dos meios de comunicação de massa;

- Avaliação das práticas de educação e comunicação em saúde pelos Conselhos de Saúde nos diversos níveis do Sistema, com vistas a romper a fragmentação dessas áreas e aproximá-las dos fóruns de controle social sobre o SUS;

- Descentralização de recursos, com financiamento de projetos de entidades do movimento popular e organizações não-governamentais que desenvolvem trabalhos na área de produção e difusão de informações relacionadas ao SUS.

OFICINA "EDUCAÇÃO, SAÚDE E ECOLOGIA"

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL: UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR

(João Pessoa/Pb, julho/94)

A Oficina se realizou nas tardes dos dias 27, 28 e 29 de julho e aglutinou cerca de 50 participantes. Pela manhã assistimos, juntamente com os outros participantes do Seminário, às mesas redondas compostas por pesquisadores de vários países da América e da Europa. Foi surpreendente o interesse despertado: apesar da pouca divulgação nacional, lá estavam cerca de 600 educadores. As vagas para inscrições na nossa oficina haviam se esgotado várias semanas antes. Inicialmente constatou-se uma ampla diversidade entre os participantes tanto pelas metodologias, temáticas e espaços de inserção das práticas educativas apresentadas, como pelo nível de experiência e reflexão de seus membros. Havia desde estudantes de graduação curiosos com o tema até professores com várias publicações. Dentre os 15 trabalhos apresentados constavam: análise da prática educativa de parteiras curiosas, produção de cartilhas de saúde de forma participativa, oficinas com alcólatras em hospital universitário, utilização de teatro para discutir o tema AIDS, a reformulação do ensino básico em área rural, discussão dos riscos do trabalho junto a profissionais de saúde, mobilização popular no processo de municipalização do SUS, a medicina popular, investigação antropológica junto a drogados, investigação do saber em saúde de trabalhadores rurais, educação ambiental em escolas públicas, a luta contra os acidentes de trabalho na construção civil, reciclagem de papel por menores carentes, etc. Diante de tamanha diversidade, muitos participantes se mostraram desanimados quanto à possibilidade de um maior aprofundamento teórico durante a oficina. Mas o desenrolar de suas atividades surpreendeu.

Começamos nossas atividades com uma dinâmica de entrosamento utilizando um novelo de barbante. Ao final das apresentações estávamos envolvidos numa teia de barbante.

Para que cada trabalho pudesse ser apresentado e discutido com tranquilidade, nos subdividimos em 2 grupos. Passamos o primeiro e o segundo dia discutindo os trabalhos selecionados. Os coordenadores procuraram ir fazendo uma leitura mais teórica dos elementos comuns e divergentes. Mesmo que cada um dos participantes não concordasse com as posturas e argumentações dos expositores, íamos percebendo a riqueza de termos acesso a essa diversidade de formas de enfrentamento dos problemas de saúde e ecologia. Fomos percebendo que, apesar das diferenças, havia um elemento comum que nos unia: a indignação diante da miséria e exploração das classes subalternas e a vontade de atuar sobre essa realidade a partir de instrumentos educativos, por percebermos que as dimensões culturais são centrais. A partir da forma mais frouxa de condução da oficina e das dinâmicas utilizadas, esta identidade foi se transformando em amizade. Com a amizade, a espontaneidade teve espaço, possibilitando o alargamento de dimensões não racionais do aprendizado.

O terceiro dia foi dedicado à busca de síntese. Iniciamos utilizando dinâmicas onde pudemos nos expressar, desenhando os nossos sonhos, e ao mesmo tempo brincar. Achamos que seria possível produzir um documento comum, mas vimos que nossa heterogeneidade exigiria uma discussão exaustiva e longa para chegarmos a conceitos comuns. Por mais tempo que tivéssemos, não conseguiríamos sintetizar e interligar os diferentes aprendizados ocorridos. Neste sentido, a oficina se assemelhara a uma enorme feira onde cada participante admirou, rejeitou e apropriou de elementos diversos expostos e alardeados por múltiplos feirantes oferecendo variados produtos, compostos de infinitas facetas. Ao desistirmos de produzir um documento único, pudemos discutir as diferentes

opiniões de forma mais solta e menos tensa. Ficou claro como havia pressupostos teóricos diversos inspirando os participantes: desde os ligados a movimento italiano de luta operária aos motivados pelo humanismo cristão; desde aqueles mais voltados para uma ação ao nível da subjetividade e do cotidiano aos voltados para a priorização da ação política mais global. Utilizamos para a discussão uma dinâmica em que cada um escrevia em cartazes sua opinião sobre algumas questões centrais. No final, os cartazes foram desprezados. Eles valeram como um espelho que refletiu nossas diferenças e semelhanças, possibilitando uma discussão e um aprendizado.

Mas se não tínhamos um documento final, o que apresentar na plenária de encerramento do dia 30? Refletindo a vivência do grupo e a partir do clima de espontaneidade desencadeados, foram surgindo idéias que apontavam para uma apresentação artística que refletisse nossa diversidade. No final, entramos no palco, um a um, anunciando em voz alta e em uma frase um princípio ou uma qualidade que cada um considerava fundamental para a prática de educação popular. Ao nos anunciarmos, íamos nos ligando ao fio de barbante de um novelo que ia se desfazendo. Formamos, então, uma roda de educadores, com diferentes prioridades, unidos frouxamente por aquele fio de barbante e pela amizade expressa no olhar, dançando embalados na canção de Milton Nascimento: "*debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo, forjar do trigo o milagre do pão e se fartar de pão...*". A música e a dança mobilizou toda a platéia que se levantou, cantando e dançando.

O que fica de encontros como este? Nenhum manifesto, nenhum planejamento de ampla ação política. Ficam, no entanto, marcas da experiência vivida a impulsionarem desdobramentos na vida de cada participante. Fica uma rede de amizade que se une a outras redes como a

Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde. Fica uma maior convicção na metodologia da Educação Popular pois, afinal, a oficina foi a aplicação, em nós mesmos, desta metodologia: partimos das práticas e dos saberes dos participantes, estabelecemos um espaço de diálogo, valorizamos, através de dinâmicas, dimensões afetivas do

processo educativo, etc... O fato da nossa oficina ter obtido a melhor avaliação entre todas as 10 oficinas realizadas durante o Seminário (média de 4,5 em 5,0, em avaliação feita pelos diversos participantes) fortaleceu a **convicção da precariedade da proposta metodológica de condução de encontros voltada para obtenção de uma diretriz**

única de ação política ou para a condução dos vários participantes em direção às reflexões e teorias consideradas mais avançadas. Hoje é fundamental uma postura de real valorização da diversidade de projetos.

Eymard M. Vasconcelos

ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

(Belo Horizonte/MG, maio/94)

Minha percepção deste Encontro aconteceu em três momentos distintos.

A princípio, quando da divulgação do evento, levantei várias questões que aos poucos fui respondendo buscando meus próprios conhecimentos da área e/ou em função da minha participação efetiva no Encontro: *o que é Educação Popular em Saúde? A que tipo de profissionais é destinado esse evento? Como eu me enquadraria enquanto participante? Por que a realização de um Encontro como esse? O que se pretende?*

E por aí foram alguns questionamentos que começaram a ser respondidos com a leitura do folder. Algumas percepções mais definidas foram se formando e uma identificação começou a se concretizar, na medida em que me enquadrava como um profissional de saúde e constatava minha condição de agente/educador em contato direto no meu dia-a-dia com uma população em busca de saúde, respeito e cidadania. Neste momento eu constatei que, de alguma forma, eu era um "educador popular em saúde", trabalhando, ajudando, estudando, orientando e, principalmente, formando opiniões.

Essa constatação se tornou efetiva e real quando, no começo do evento, encontrei diversos profissionais conhecidos de Belo Horizonte, amigos e companheiros, alguns com a mesma formação, outros atuando em outras áreas da saúde, mas todos integrados numa mesma necessidade, numa mesma busca, como a maioria dos demais participantes.

Essa identidade e esse "encontro" com as pessoas pre-

sentes me deixaram maravilhado e, por que não dizer, entusiasmado. Esse entusiasmo, então, passou a crescer na medida em que eu via as minhas expectativas - que se renovavam a cada instante - serem satisfeitas, preenchidas, superadas até. A organização das mesas, das palestras, dos grupos de reflexão, enfim, das atividades previstas, como um todo, foi muito boa e demonstrou uma grande competência da equipe organizadora.

O aspecto mais positivo do Encontro foi, sem dúvida, a diversidade das atividades apresentadas. Cada apresentador relatou sua experiência prática (e sua linha metodológica), tornando o evento cada vez mais rico, na medida em que pudemos vislumbrar o atual quadro da Educação Popular em Saúde em alguns pontos do país, particularmente, em Minas Gerais.

Ainda sobre a diversidade, é significativo salientar que este é, sem dúvida, o ponto nevrálgico da Educação Popular em Saúde, do qual decorre a dificuldade de uma teorização sistemática das práticas e suas concepções metodológicas. No entanto, este não é um problema específico da Educação Popular, uma vez que se estende a outros setores da atividade profissional e científica. Acredito, então, que basta continuarmos orientando nossas atividades/trabalho no sentido de não nos isolarmos, buscando transmitir aos colegas a prática e o fruto do que estamos produzindo, teorizando concomitantemente sobre estas práticas.

É muito importante que essas experiências/vivências sejam

compartilhadas através de uma intercomunicação efetiva. Isso nos remete a um dos propósitos principais da *Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde* que é incentivar os profissionais envolvidos a uma interação concreta, a partir da qual possam ter a possibilidade de intercâmbio e cooperação, numa rede de comunicação cada vez mais aprimorada.

Para finalizar, acho relevante colocar que, além de todo o aproveitamento em termos "teóricos", acadêmicos e práticos, este "ENCONTRO" me proporcionou um ganho especial que foi ter sido convidado a integrar a *Articulação Mineira de Educação Popular em Saúde*. O convite foi aceito com satisfação e, desde maio, estou participando deste movimento, a nível estadual.

Temos muitos desafios pela frente, principalmente quando verificamos a dura crise pela qual passam a educação e a saúde em nosso país. No entanto, as pessoas que encontrei parecem não estar assustadas. Estão, sim, confiantes no seu trabalho e na população, nas pessoas para as quais dirigem-se nossas atividades, pois, muito diferente do que se imagina, estas pessoas tem uma capacidade enorme de se organizar e detêm um saber a respeito de sua própria realidade muito maior do que supomos.

O desafio está lançado. Cabe-nos agora continuar a caminhada pois os primeiros passos já foram dados.

"UMA LONGA CAMINHADA NASCE COM O PRIMEIRO PASSO"

(Provérbio chinês)

Gilmar Tadeu. A. Fidelis

Articulação Mineira de Educação Popular em Saúde

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A PRIMEIRA NOITE DE UM EDUCADOR

Reunião/ Conversa com os pescadores de Barreiras de Baixo - Icapuí - jan/ 90

Uma das marcas dos educadores populares é carregar nas costas experiências importantes de inserção na dinâmica da vida das classes populares, a partir das quais passaram a se tocar das dimensões "fluidas" da luta pela saúde que não se sujeitam ao modo "operativo-objetivo" das práticas profissionais habituais.

O texto que segue faz parte de uma carta escrita por um estudante de medicina do Rio Grande do Sul, o Joba (João Batista), durante o estágio que realizou em Icapuí-Ceará. A carta emociona pela pureza e sensibilidade em expressar a sua perplexidade diante da realidade encontrada, bem como seu jeito de ir elaborando uma nova postura profissional.

A reunião aconteceu na praia, às 20:30, perto de um poste de luz. Colocamo-nos em círculo e nos sentamos em meio a eles. Tínhamos que falar bem alto, devido à brisa do mar.

Havia cerca de 40 pessoas (também mulheres e crianças). Propomos começar cada um se apresentando, falando o seu nome, idade, há quanto tempo pesca e com que idade iniciou a pescar. A média de idade com que foram ao mar trabalhar pela primeira vez foi de 12 anos.

Indagando sobre a vida de pescador, logo colocaram o problema de terem que vender o peixe pro "marchante" (atravessador) o peixe, de forma imediatista e barata por não poderem armazenar. Acrescentaram que é só um marchante por região e que seria preciso, um frigorífico para o peixe não estragar, além do fato de que precisam dar de comer à família no dia seguinte.

"Mas a vida da gente é assim mesmo. Nunca vai mudar. Não tem outro jeito. Não temos escolha."

"Se desse eu queria que meus filhos não fossem pescadores."

Perguntamos se nada mudou? Responderam que a única coisa que mudou é que agora tem escola, além do posto, que dizem ser o responsável por não morrer mais nenhum "anjinho".

"Agora tem escola. Os meninos aprendem algo. Aprendem o ABC. Quem sabe, poderão nos ensinar depois."

Sabíamos que eles não têm aposentadoria, mas perguntamos sobre isso:

"Não se aposenta aqui. Quando não se pode mais de tão doente, fica na

rede entevado. Não morre enquanto tem o que comer."

Aí a gente percebia a distância entre a visão romântica que tínhamos da vida do pescador e a vida sofrida que começávamos a conhecer.

Sobre as suas doenças, citaram "as vistas", coluna, hérnias, "olho-de-peixe", prisão de ventre, azia, "nervo"; mas enfatizaram a própria vida toda como um sofrimento, uma doença.

"Nos barcos, a gente vive na chibata."

"Não vou ao médico porque sei que ele não vai conseguir me curar. Os meus problemas não têm cura. São ligados com a vida."



Ainda sobre as patologias, enquanto alguns as relacionavam com a sua rotina do mar (jangada pequena: "sai às 03:00 e volta às 16:00 h; barco grande: fica uns quinze dias no mar, sem mulher..."), outros nos faziam lembrar da noção de miasmas: *"As doenças vêm do ar."*

Essas diferentes visões das doenças - uma fatalista, alienada, mitificada, outra bem menos - fervilham no papo, nas expressões, na cultura local. O que começamos a fazer, respeitando criticamente suas diversas "crenças", foi provocar para que fossem chegando às suas próprias conclusões e propostas, trabalhando as contradições neles e em nós, crescendo juntos na compreensão dessas realidades, politizando-os, politizando a nós mesmos e a implementação do sistema de saúde local. Instigando-os a pensar mais fundo sobre os porquês.

De repente, um de nós perguntou:

"Pessoal, por que estão aqui?"

"Pessoal veio porque tinha gente de fora; se não tivesse não viriam."

"Se tivesse cerveja, viriam todos; mas se fosse uma reunião com cerveja não seria muito bom porque daí todo mundo iria falar tantos problemas que o médico não pode resolver, que levaria ele a desistir, que ele não ia aguentar."

A relação com o mar também é ambígua:

"Todo mundo que tem alguma coisa aqui, tirou do mar."

"Os peixes são o nosso minério, o nosso ouro."

"Não tomamos banho de mar por lazer porque somos acostumados, e porque depois de voltar da pesca não queremos olhar pro mar."

Reconhecem em si e no seu trabalho, o seu valor:

"A gente é artista."

Apontando como gênese das coisas nunca se modificarem:

"Grande nunca se interessa por pequeno."

"Pescador é desunido porque é assim mesmo, é do sangue do peixe (frio, não se mistura)."

Em face desta situação, insistimos se não poderia ser diferente, de algum modo?

"Sim, aos pouquinhos a gente pode se unir, crescer, melhorar, se não tiver uma reunião como essa a cada 2 anos só...". (Importância da continuidade).

Já no final deste primeiro bate-papo, assinalaram que a reunião foi importante e se mostraram animados pra fazermos outras.

Como havíamos conseguido as cadeiras no grupo escolar, pedimos que cada um levasse a sua de volta. Foi quase uma "festa". Ficaram alguns nos contando suas experiências bem mais à vontade. Um, por exemplo, tentou explicar como se guiava em alto mar, à noite, pra não se perder e voltar à mesma praia. Eu, por outro lado, marquei minha viagem de jangada para uma madrugada de luar que me dê coragem. É outra coisa aliar a conversa à convivência, a vivência da situação/problema, não simulada, real e realizadora de compreensão, onde nos realizamos na troca solidária. O Luís, voltou para "casa" conversando com um pescador e sua esposa sobre o problema da luz.

E ficamos nós três nos perguntando alegres, otimistamente: *"será que o sangue do peixe começou a mudar?"*

MULHER E AIDS

Com experiência acumulada ao longo de anos nas áreas de saúde da mulher e saúde reprodutiva, a equipe do projeto MULHER E AIDS: SEXO E PRAZER SEM MEDO desenvolve um trabalho educativo sobre prevenção de AIDS e de outras DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

Para nós, trabalhar com essa questão significa assegurar um espaço de discussão, compreensão e reflexão acerca da sexualidade a partir da vivência de cada pessoa, de tal forma que as informações recebidas possam ser transformadas em ações efetivas.

A abordagem deste projeto e os instrumentos para a ação educativa procuram também fornecer elementos que possibilitem a reflexão sobre a escolha contraceptiva das mulheres diante da ameaça das DSTs/AIDS, situando este conjunto de questões no contexto da saúde da mulher.

O material educativo utilizado é composto pelo vídeo *O Seguro Morreu de Velho*, apresentado por Zezé Motta, e pelo *Manual do Multiplicador*, que contém informações, em linguagem acessível, sobre as formas de transmissão e de prevenção da AIDS. O Manual traz também um conjunto de pranchas ilustradas, com diversas sugestões de dinâmicas de trabalho em grupo.

O kit educativo do projeto, composto pelo vídeo e pelo Manual do Multiplicador, está disponível para aquisição por 30 reais (20 reais o vídeo e 10 reais o Manual). Os interessados podem adquiri-lo diretamente na:

MCCS - Mulher, Criança, Cidadania e Saúde
Rua Santo Antônio, 446 - sala 33
São Paulo - SP - CEP 01314-000

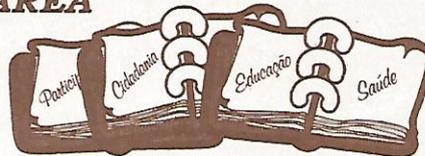
Ou mediante depósito na conta corrente:
MCCS-AIDS - 500438-1 - Agência 0018-3 - Banco do Brasil. (Neste caso, enviar junto com o pedido por escrito uma xerox do comprovante de depósito e incluir ao valor acima 6 reais referentes às despesas com correio. Maiores informações pelo telefone (011)34-3521).

SEXO E PRAZER SEM MEDO



**O AMOR NÃO É VACINA
CONTRA AIDS!
USE CAMISINHA!**

MAPEANDO A PRODUÇÃO DA ÁREA



A EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA

Autores: Solange L'Abbate, Elizabeth de Leone Monteiro Smeke e Julieta Hitomi Oshiro

(Texto publicado na Revista Saúde em Debate n.º 37, dezembro/92)

Como faço para me comunicar melhor com o usuário? Percebo, muitas vezes, que ele não entende o que eu digo. Como devo atuar para merecer maior confiança do usuário? É possível trabalhar com a contra-informação? Como transformar a relação com o usuário numa relação cidadão x cidadã? Como enfim contribuir concretamente para que o usuário, o público, a sociedade reconheçam o serviço público de saúde como um espaço realmente público?

Estas não são, afinal, perguntas que o trabalhador de saúde constantemente se faz, quando procura pensar sua identidade profissional?

Neste texto, as autoras analisam a experiência de um curso de Educação em Saúde no qual se buscou encaminhar respostas a essas questões. Apoiado numa abordagem crítica, o curso, pautado num enfoque didático-pedagógico renovador, procurou também tornar disponíveis aos profissionais/alunos um repertório de técnicas e instrumentos de trabalho. Se você, leitor, se identifica com tais preocupações, este artigo tem algo a ver com você!

CONHECE-TE A TI MESMO: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO POPULAR PARA SAÚDE

Autor: Marcos de Barros Freire Jr.

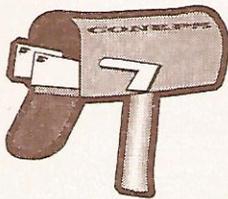
(Texto publicado na Revista Saúde em Debate n.º 41, dezembro/93)

Relato de experiência em andamento, de educação popular para saúde, na cidade de Planaltina, através da prática grupal de automassagem nos pontos de acupuntura, em encontros que são semanais, abertos a toda comunidade e implantada no sistema público de saúde desde o início de 1991.

Durante a prática, percorremos os principais pontos de acupuntura situados ao longo do corpo, discutimos a sua ação preventiva e terapêutica, relacionando-a à anatomia e fisiologia do organismo. Fazemos a interconexão com os múltiplos fatores envolvidos na questão da saúde desde o ponto de vista individual até os aspectos sociais, procurando resgatar os valores culturais da população e compartilhar os conhecimentos médico-científicos da Medicina Tradicional Chinesa.

O objetivo do trabalho é a apreciação do uso da Medicina Tradicional Chinesa, notadamente da Acupuntura e da prática da massagem e automassagem, nos serviços públicos de saúde, inclusive como meio de educação popular para a saúde.

CARTA DOS LEITORES



Fico contente em receber notícias e triste comigo mesmo por não estar mantendo contato com vocês.

Enfrentamos tantas dificuldades nas atividades locais que, de uma certa maneira,

não nos estimula (deveria ser o contrário) a ampliar as comunicações.

Veja bem, não são dificuldades políticas, ideológicas ou conceituais. São as dificuldades encontradas no sertão, ou seja, problemas econômicos, de locomoção, de apreensão de idéias, com outras categorias, etc., que você bem conhece.

Os trabalhos educativos em Quixadá estão evoluindo bem. A equipe de educadores em saúde trabalha intensamente e no início do ano fizemos uma avaliação e programação das atividades para 95, entre elas o *Encontro de Educação Popular em Saúde*, que, aliás, conta com o apoio do Dr. Odorico (prefeito da cidade).

Eu, particularmente, tenho sentido uma dificuldade em manter contato com amigos e companheiros de outros estados para troca de idéias e até para atualização das atividades. Estou tentando corrigir esta minha deficiência.

Um trabalho como este proposto pela Articulação é muito importante e necessário. Gostaria que vocês dessem sugestões de como seria o Encontro de Educação em Saúde e enviassem a relação dos membros da Comissão Nacional, para não cairmos no engano da discussão e relato de experiências. Creio que temos condições de aperfeiçoar nossas práticas e de registrar um novo capítulo na história da Educação Popular em Saúde.

Desde já estou à disposição. Um grande abraço,

Júlio César

Prezados Colegas:

O NESC - Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva do Rio Grande do Norte organizou, há 10 meses, o seu grupo de Educação em Saúde.

O nosso grupo, composto por profissionais de saúde de diversas instituições, vem trabalhando com uma perspectiva bastante similar a que vimos veiculada no boletim nº 2, da CONEPS, e sua leitura foi de extrema relevância pelas

possibilidades que antevemos de participar de um movimento nacional de Educação Popular em Saúde.

No presente momento estamos envolvidos com a realização de um mapeamento das experiências de Educação em Saúde do Distrito Sanitário Oeste de Natal. Pretendemos que este seja o primeiro passo para uma reflexão mais profunda por parte dos profissionais de saúde sobre esta prática. Temos aprendido bastante com este mapeamento, porém temos sentido falta de uma bibliografia mais consistente que nos ajude a trabalhar mais profundamente os vários aspectos envolvidos na prática de Educação em Saúde.

Paralelamente, acabamos de ter aprovado pela FNS um projeto para a produção de vídeos para a saúde. Abordaremos as ações básicas, as endemias do Nordeste e alguma coisa sobre movimento popular e saúde. Neste sentido, temos grande interesse em conhecer os vídeos referidos no boletim, sobretudo para estudarmos o método de abordagem dos temas, uma questão fundamental para a Educação Popular em Saúde. Aceitamos sugestões quanto aos vídeos que melhor expressem esta preocupação com o método, salientando que nossa clientela alvo será, em primeiro lugar, os profissionais de saúde.

Gostaríamos de receber regularmente o boletim, as correspondências e as informações destinados ao movimento de Educação Popular em Saúde.

Agradecemos sua atenção e renovamos nossos sinceros sentimentos de consideração.

Cordialmente,

Maria Inês M. Pino

Grupo de Educação em Saúde/NESC/UFRN

Edição de Textos:

Eymard M. Vasconcelos,

Mônica de Assis

Victor Vincent Valla

Colaboradores:

Gilmar Tadeu A. Fidélis

João Batista

Projeto Gráfico:

Adriana Peixoto (SDE/ENSP)

Carlos Fernando (SDE/ENSP)

Produção Gráfica:

Secretaria de Desenvolvimento Educacional/ENSP

Este Boletim conta com a colaboração do Departamento

de Endemias Samuel Pessoa/ENSP/FIOCRUZ e do

Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina/CEPEL

COMISSÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Rua Uranos, 1496/sala 401 - Olaria
CEP 21060-070 - Rio de Janeiro - RJ

IMPRESSO